



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

006

Desenvolvimento, cultura e meio ambiente. Um olhar sobre Paraty-RJ¹

Afonso Getúlio Zucarato²

Resumo

A problemática ambiental assumiu no final do século XX, um papel central na reflexão em torno das dimensões do desenvolvimento. As preocupações da sociedade contemporânea demonstram que o impacto humano sobre o ambiente é cada vez mais complexo quer do ponto de vista quantitativo quer qualitativo, e a cada ano ganha mais destaque nas agendas de governos e da sociedade como um todo. Este trabalho apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre o tema desenvolvimento e sua interface com a cultura e o meio ambiente e faz uma reflexão, com base num estudo de caso, de como esse processo ocorrem e suas conseqüências para o município de Paraty-RJ.

Palavras-chaves: Desenvolvimento; Meio ambiente; Paraty.

1. INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX foram marcadas por grandes transformações sociais e individuais. A modernidade trouxe consigo alguns dilemas fundamentais à sociedade: razão e esclarecimento, ordem e progresso, evolução e racionalização, reforma e revolução, democracia e cidadania, ou razão e emancipação. O ser humano também buscou uma redefinição enquanto *homo economicus*, governados por uma ética secularizada de trabalho, produção, apropriação e acumulação, expropriação e alienação. Esse desencantamento do mundo gerado pelos tempos modernos levou à busca de novos valores e desafios propostos à sociedade contemporânea, principalmente no que tange ao modelo de desenvolvimento econômico, uma vez que o impacto humano sobre o ambiente tornava-se cada vez mais complexo quer do ponto de quantitativo quer qualitativo com profundas implicações sobre as comunidades, as culturas e ao meio ambiente.

¹ Trabalho apresentado GT - Interfaces com a Gestão de Negócios do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. O presente texto é decorrente da pesquisa para dissertação do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi sob o título: Certificação do Turismo Sustentável para meios de hospedagem. Um estudo de caso sobre o Caminho do Ouro de Paraty-RJ (2006).

² Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, Especialista em Engenharia Econômica pela Universidade Mackenzie. azucarato@ajato.com.br



Esse sentimento é traduzido por Toffler (1972 sn.), em “O choque do futuro”, onde busca “*descrever a esmagadora tensão e desorientação que induzimos nos indivíduos ao sujeitá-los a uma carga de mudanças excessiva dentro de um tempo demasiadamente curto*”. Em outro ponto o autor menciona: “*...estamos criando e utilizando idéias e imagens a uma velocidade cada vez maior. O conhecimento - assim como as pessoas, os lugares, as coisas e as formas de organização – está se tornando descartável*”.

Nesse mesmo sentido Galbraith (1979, p.xv.), faz uma reflexão sobre os problemas e as incertezas do dia-a-dia que impactavam, por sua vez, as grandes incertezas políticas, institucionais, legais, morais e culturais.

“No século que passou, os capitalistas tinham plena certeza do capitalismo, os socialistas do socialismo, os imperialistas do colonialismo, e os dirigentes políticos sabiam que era seu dever dirigir. Muito pouco dessa certeza ainda existe hoje em dia.”

Assim, no rastro da incerteza, a economia redescobre o humano em toda a sua complexidade e o modelo de sociedade adotado pela modernidade, emerge pessoas orientadas por uma lógica de valores individualistas, consumistas, antropocêntricos e com relações de poder, que promovem a dominação e exclusão nas relações sociais e socioambientais e permitem, pela separação homem x homem e homem x natureza a degradação de ambos e o acirramento da crise ambiental.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma breve revisão bibliográfica sobre o tema desenvolvimento e sua interface com a cultura e o meio ambiente e faz uma reflexão, com base num estudo de caso, de como esse processo ocorrem e suas conseqüências para o município de Paraty-RJ.

2. DESENVOLVIMENTO, CULTURA E MEIO AMBIENTE

As preocupações com o processo de desenvolvimento e degradação do meio ambiente, não são recentes, no Brasil, por exemplo, segundo Pádua (2002), já são encontradas no século XVII e XVIII onde “*o português Frei Vicente de Salvador já denunciara, em 1667, o descaso*



ambiental na terra do pau-brasil” ou nas reflexões de “*Baltasar da Silva Lisboa, em 1786, é incompreensível a imensa quantidade de lenha que inutilmente consome a feitura do açúcar pela construção das suas fornalhas, pois que para uma carrada de cana se requer outra de lenha*”. Somente a partir dos anos de 1960, é que o tema começou a atrair a atenção quando movimentos globais, desastres ambientais e publicações importantes abrem o debate para uma realidade pouco observada. Nos anos de 1970, fica evidente suas implicações políticas das teorias e práticas ambientais, nos anos de 1980, as econômicas tornam-se mensuráveis e nos anos de 1990, essas assumem uma dimensão global e de alta complexidade e entraram na agenda de discussões questões como: urbanização acelerada, crescimento e desigual distribuição demográfica, a expansão descontrolada do uso da energia nuclear, o consumo excessivo de recursos não-renováveis, os fenômenos crescentes de perda e desertificação do solo, a contaminação tóxica dos recursos naturais, o desflorestamento, a redução da biodiversidade e da diversidade cultural, a geração do efeito estufa e a redução da camada de ozônio e suas implicações no equilíbrio climático, a pobreza, o crescimento econômico e o meio ambiente, como, afirmam Lima (1997) e Leis (2004).

Esse contexto leva à uma intervenção da sociedade civil mundial nos problemas ambientais com o objetivo bem mais amplo que uma simples ação dirigida a corrigir efeitos deletérios do mercado e dos Estados, argumenta Leis (2004, p.74 APUD PRINCEN 1995). “*Ela deve ser vista em dois planos: como a construção de vínculos globais entre realidades locais (aspecto transnacional), mas também como construção (ou reconstrução) estratégica de vínculos entre as dimensões biofísica, cultural e política da humanidade.*”

Assim, compatibilizar o crescimento econômico com o uso sustentável dos recursos naturais era o novo paradigma conceitual que emergia em contraponto à modernidade vigente, conclui Becker (1997).

Nesse compasso, ao analisar a segunda metade do século XX autores como Brüseke (1995), Castells (1999), Morin (2002), Sachs (2002), apenas para citar alguns, discutem as profundas transformações acontecidas tanto sociais como individuais e que determinaram uma nova perspectiva de desenvolvimento tendo como princípios a sustentabilidade³: (i) a satisfação das

³ Para esse trabalho será adotada a visão de Sachs (2001) sobre sustentabilidade. Que se constitui para ele, em uma via intermediária entre o ecologismo absoluto e o economicismo arrogante, ou seja, é um conceito dinâmico que visa promover o desenvolvimento sócio-econômico equitativo, levando em conta as necessidades crescentes



necessidades básicas da população (ii) a solidariedade com as gerações futuras, (iii) a participação da população envolvida, (iv) a preservação dos recursos naturais, (v) a elaboração de um sistema social que garanta emprego, segurança social e respeito a outras culturas e (vi) programa de educação. Tais princípios entraram na pauta das discussões e alertaram governantes e governados para um novo modelo de desenvolvimento e sobre a fragilidade e risco do planeta, impulsionando nações e a sociedade civil a se estruturarem com órgãos, legislação ambiental e organizações não governamentais, etc. Ampliaram-se também as discussões sobre o conceito de desenvolvimento pluridimensional (econômico, social, político, cultural, sustentável e humano) que passou de um foco imediatista e mercantilista para um visionário humanista com preocupações para as gerações futuras que suscita reflexões como:

[...] O desenvolvimento, do modo como é concebido, ignora aquilo que não é calculável nem mensurável: a vida, o sofrimento, a alegria, o amor, e o único critério pelo qual mede a satisfação é o crescimento (da produção, da produtividade, da receita monetária). Definido unicamente em termos quantitativos, ele ignora as qualidades, as qualidades de existência, as qualidades de solidariedade, as qualidades do meio, a qualidade de vida. (MORIN, 2002)

[...] desenvolvimento, tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a aceitar sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de culturas arcaicas, para explicar e fazer compreender a necessidade de destruir o meio físico, para justificar formas de dependências que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo. Cabe, portanto afirmar que a idéia de desenvolvimento econômico é um simples mito. (FURTADO 1996 apud LIMA 1997, p.7)

Segundo Becker (*op.cit.*), com a pós-modernidade⁴ emerge, na sociedade capitalista ocidental, um novo consumidor mais exigente, bem informado e influenciado por um mundo globalizado, que atinge a cultura e a economia entre outros setores sociais, no qual as questões ambientais ganham gradualmente destaque quer por medidas impostas na legislação quer por

das populações e a preservação ambiental, num contexto internacional em constante expansão, possuindo as seguintes dimensões: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política (nacional e internacional).

⁴ A pós-modernidade pode ser caracterizada como uma reação da cultura ao modo como se desenvolveram historicamente os ideais da modernidade, associada à perda de otimismo e confiança no potencial universal do projeto moderno (CHEVITARESE, 2001).



um aumento da consciência ecológica. Entretanto, argumenta Sachs (2000 a, p.9), em face dessa crescente concentração no problema da conservação da biodiversidade, não se está dando suficiente atenção à diversidade cultural e à enorme riqueza das formas de aproveitamento de recursos naturais que diferentes culturas criaram ao longo dos séculos, uma vez que as interações entre a diversidade cultural e a diversidade biológica, determinam trajetórias plurais de desenvolvimento, pois para esse autor, o conceito de recurso é iminentemente cultural e, portanto histórico, sendo,

[...] recurso àquela parcela do meio que eu sei utilizar para um fim que eu considero útil. É recurso hoje o que não era recurso ontem. Não é mais recurso hoje o que era recurso ontem. Será recurso amanhã o que não é recurso hoje. O conceito de recurso não é um conceito objetivamente dado, é um conhecimento da sociedade sobre o seu meio. (SACHS 2000 a, p.9)

Sob essa perspectiva observa-se que nas últimas décadas, uma mudança estrutural envolvendo tanto as formas de produção e gestão, aliada a uma redefinição quanto à natureza e o papel do Estado, passando por novos parâmetros de articulação e organização, onde a chamada sociedade civil emerge com potencial co-protagonista. É nesse contexto que se dá o redescobrimto da dimensão territorial, com a introdução de novas alternativas em torno do desenvolvimento local, como uma via de reflexão e proposição de novos padrões de desenvolvimento, que busca resgatar aspectos importantes da unidade sócio-territorial como argumenta Franco (2000, p.8):

[...] o desenvolvimento de uma localidade depende da gente que nela vive, depende também de muitos outros determinantes e condicionantes que os economistas em geral tendem a desprezar ou a julgar como externalidades. O desenvolvimento local é um modo de promover o desenvolvimento que leva em conta o papel de todos esses fatores para tornar dinâmicas potencialidades que podem ser identificadas quando olhamos para uma unidade sócio-territorial delimitada.

Corroborando nessa linha de argumento sobre a importância da participação do local no processo de escolha de sua forma de desenvolvimento Zaoual (2003, p.95), pondera que o bem estar se constrói localmente com base em um olhar crítico, não somente sobre as contribuições externas, mas trazendo as as contribuições das tradições endógenas, e é nesse processo de mesclagem pluram não dogmático, onde todos os atores participam, que se



encontra a criatividade dos povos. É dentro desse contexto que o autor defende um modelo de desenvolvimento singular fundamentado no conceito de conceito de sítio simbólico de pertencimento⁵ que,

[...] interpreta esses mecanismos de adaptação e evolução. É um espaço de crenças práticas ajustados às circunstâncias locais. Sua transversalidade articula a cultura dos atores da situação, com a sociedade e o meio ambiente. Contrariamente à exclusiva visão de mercado que subtrai o homem de seu ambiente social, o sítio o inclui e o vincula a suas raízes. Ele dá sentido ao seu comportamento. O sítio integra, assimila e ultrapassa toda contribuição vinda de fora. (ZAOUAL, *op. cit.*, p.95)

Assim o conhecimento (como o caldo cultural do meio em que se vive) prático e dinâmico que as populações locais têm do seu meio, pode ser usado como ponto de partida para soluções de desenvolvimento que devem, ao mesmo tempo incorporar todo o conhecimento científico moderno. Desta forma, o respeito à diversidade e a responsabilidade de conservá-la definem o desenvolvimento sustentável como um ideal ético. A partir da ética do respeito à diversidade do fluxo da natureza, emana o respeito a diversidade de culturas e de sustentação da vida, base não apenas da sustentabilidade como também da igualdade e justiça, afirma Sachs (*op.cit.* APUD KOTHANI 1995, p.285)

3. UM OLHAR SOBRE PARATY

3.1. Seu território, sua história e seus dilemas

O município de Paraty possui uma área territorial de 933,8 km², está localizado no extremo sul do Estado do Rio de Janeiro, fazendo divisa com o Estado de São Paulo e a uma distância rodoviária aproximada de 300 km das duas capitais. Pertence à mesorregião Sul Fluminense, atualmente denominada Costa Verde, e à macrorregião da Baía da Ilha Grande. Faz limite ao sul com Ubatuba e a oeste com Cunha, ambas em São Paulo, e ao norte com Angra dos Reis – RJ.

⁵ O conceito de sítio simbólico de pertencimento foi formulado por Zaoual como um marcador imaginário de espaço vivido. Em outros termos, trata-se de uma entidade imaterial que impregna o conjunto do universo dos atores. Sempre o sítio é singular, aberto ou fechado. Ele contém um código de seleção e de evolução própria: nesse sentido, é dinâmico. Contrariamente ao culturalismo, o estudo dos sítios é uma abordagem não estática, pensando no plano de movimento, de complexo e de mestiçagem cultural (ZAOUAL, *op. cit.*, p.28)



A história⁶ de Paraty remonta aos primórdios da colonização portuguesa do Brasil. Apesar das divergências quanto à data de fundação, os historiadores afirmam que já no início do século XVII, além dos índios guaianases, já havia um povoado no local. Devido à privilegiada posição estratégica, no fundo da baía da Ilha Grande, Paraty foi durante mais de dois séculos palco de importantes ciclos econômicos, como relata Mello (2006): (i) ciclo portuário (1600 a 1880) – sendo à época o segundo maior porto da colônia, por onde passavam metais preciosos produzidos em Minas, escravos etc.; (ii) ciclo do ouro (1700 a 1750), apesar de não produzir o precioso metal, era por ele que o ouro produzido seguia para Portugal; (iii) ciclo da cana (1700 a 1900) – açúcar e cachaça de qualidade produzidos em mais de 200 engenhos e casa de moenda; (iv) ciclo do café – (1800 a 1900) – a produção era pequena, mas foi utilizado para escoar o café colhido no vale do Paraíba. A abolição da escravatura, em 1888, afetou duramente toda a sua atividade econômica, provocando um forte êxodo populacional. No final do século XIX, a população de Paraty somava apenas 600 habitantes (velhos, mulheres e crianças) e (v) ciclo do turismo – começou no final dos anos de 1950, com a abertura de uma rodovia passando por Cunha, aproveitando trechos da velha Estrada do Ouro e do Café, e, apesar da precariedade, possibilitou o acesso de um número maior de pessoas à cidade, pois até então isso somente era possível por via marítima.

Paraty manteve fraco desenvolvimento econômico até o final da década de 1960, sobrevivendo de uma economia de subsistência, da pesca artesanal e de pequena produção de aguardente. Esse semi-isolamento involuntário até o início dos anos de 1970 foi responsável, segundo Mello (1994), pela preservação não só da estrutura arquitetônica urbana como de seus usos e costumes e do ambiente natural, motivos pelos quais Paraty foi em 1945, considerada Patrimônio Estadual, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1958 e finalmente convertida em Monumento Nacional em 1966. E, desde 2001, busca o título de Patrimônio Mundial da Humanidade.

Em 1974, o governo inaugura a Rodovia Rio–Santos (BR-101), no contexto da infra-estrutura das usinas nucleares e da instalação do terminal da Petrobrás, colocando Paraty dentro do eixo rodoviário litorâneo Rio de Janeiro–São Paulo. Na mesma época, a Embratur lança o Projeto

⁶ Informações histórica de Paraty foram coletadas no site: <http://www.paraty.com.br/entrepos.htm>. PARATY – Cidade Histórica Monumento Nacional.



Turis, com o objetivo de desenvolver o turismo da denominada Costa Verde, que compreendia o litoral norte do Estado de São Paulo e sul do Rio de Janeiro, ou seja, o eixo Santos-Rio. Assim, uma nova lógica ordena o ir-e-vir da população nativa, com o afluxo turístico e o aporte de fortes interesses imobiliários, ocupando com condomínios de luxo as antigas vilas de pescadores caiçaras, motivando mudanças no uso e ocupação do solo, ruptura no modo de vida tradicional (75% viviam em área rural em 1970, contra 52% em 2000, desenvolvendo uma agricultura de subsistência ou a pesca. Atualmente estão trabalhando em áreas ligadas ao turismo – pousadas, restaurantes, bares, barcos de passeios – ou nos condomínios como faxineiros, jardineiros, seguranças etc.), crescimento populacional (mais que dobrou, passando de 15.934 em 1970 para uma população projetada pelo IBGE de 33.062 em 2005) e do setor terciário (em 2003 respondia por 70% do PIB paratiense⁷), de acordo com Solving (2003).

Paraty possui 25 bairros⁸ distribuídos pelos seus três distritos: Paraty, Paraty-Mirim e Tarituba. O principal, Paraty, compreende a área do centro histórico e arredores, concentrando 2/3 dos habitantes. Paraty-Mirim, o segundo, abrange a face sul do município, até a divisa com o Estado de São Paulo. Por último, Tarituba, distribuído pelo norte, até a divisa com Angra dos Reis.

Atualmente, a questão do uso e ocupação do solo é muito complexa em Paraty, pois parte predominante do território (cerca de 80%) está dentro das áreas de conservação⁹, (Parque Nacional da Serra da Bocaina - PNSB, o Parque Estadual de Paraty-Mirim, a Área de Preservação Ambiental de Cairuçu, Estação Ecológica Tamoios (terrestre e marítima) terra indígena Guarani-Araponga, Reserva Ecológica da Joatinga e o Quilombo do Campinho, o que restringe sua utilização para fins econômicos pelos setores primário e secundário. No entanto, o turismo acaba se beneficiando dessa condição, pois ajuda a preservação de boa parte dos atrativos naturais, ainda que o crescimento desordenado dessa atividade, associado à

⁷ Fonte: Tribunal de contas do Estado do Rio de Janeiro/2005

⁸ Mambucaba, Tarituba, São Gonçalo, Taquari, Sertão do Taquari, São Roque, Barra Grande, Graúna, Praia Grande, Corumbê, Região Central, Penha, Ponta Branca, Pantanal, Corisco, Paraty-Mirim, Pedras Azuis, Campinho, Patrimônio, Mamanguá, Pouso do Cajuíba, Ponta Negra, Sono, Laranjeiras, Trindade. Fonte: SOLVING 2003

⁹ Para maiores detalhes sobre as áreas de preservação de Paraty ver: SOLVING 2003 - Plano Diretor de Desenvolvimento turístico do Município de Paraty – Inventário turístico



falta de infra-estruturas urbana e turística, já desperte preocupação em áreas como Trindade e Praia do Sono.

Outro ponto levantado na pesquisa de campo é o reduzido efetivo para fiscalização e planejamento territorial, o que concorre para conflitos¹⁰ de diversas naturezas que podem ser tipificados, de acordo com Ferreira (1999 apud GOMES 2002, p. 53), segundo sua natureza e seus possíveis impactos por:

(i) conflitos institucionais: por competências entre as esferas de governos; (ii) conflitos legais: entre as leis de nível federal, estadual e municipal (uso e ocupação do solo e zoneamento) e (iii) conflitos sociais: uso de recursos, diferentes níveis de interesses e/ou perspectivas, de classe social etc.

Além da questão fundiária, que é apontada como uma das mais sensíveis em termos de conflito (a maioria absoluta das propriedades não possui titulação definitiva da terra, na área urbana e principalmente na área rural), o saneamento básico talvez seja o ponto mais crítico relacionado à sustentabilidade ambiental. O abastecimento de água da região central é feito pela captação nos rios da Serra da Bocaina e distribuído pela rede municipal, passando somente por sistema de filtragem. Já a questão do esgoto, é bem mais delicada. Paraty não possui rede de esgoto e a região do centro histórico convive secularmente com a invasão do mar em períodos de maré alta. Mais de 1/3 dos domicílios apresenta uma destinação inadequada do esgoto com utilização de valas a céu aberto e o despejo direto nos rios e no mar. Também o destino do lixo residencial apresenta problemas em quase 20% dos domicílios, e essa situação fica mais crítica na alta temporada e, conforme diagnóstico levantado pelo Plano Diretor do Turismo de 2003, não apresentou alteração até hoje. Pelo contrário, o programa de coleta seletiva que existia foi desativado pela atual administração.

O município conta com uma ativa participação de suas comunidades, de forma organizada, por meio do Conselho Municipal das Associações de Moradores – Comamp, que desde 2000 exerce papel importante na luta pela melhoria da infra-estrutura das comunidades e na elaboração de propostas prioritárias para o município. Nesse sentido, também há o Fórum de

¹⁰ Esses conflitos puderam ser observados em dois momentos durante a pesquisa de campo: o primeiro, durante a audiência pública da apresentação e discussão do anteprojeto do código ambiental do Estado do Rio de Janeiro e o segundo, quando da audiência pública para apresentação das emendas à revisão do Plano Diretor de Paraty.



Desenvolvimento Local Integrado Sustentável – DLIS¹¹, sendo considerada uma das melhores e mais atuantes iniciativas no Estado do Rio de Janeiro. Nele, são discutidas e articuladas propostas para um desenvolvimento sustentável, de acordo com as peculiaridade e necessidades do município, tendo participação ativa de todos os atores envolvidos.

Apesar de Mello (2006) apontar que o ciclo do turismo em Paraty começa no final dos anos de 1950, o processo de turistificação¹², assim como acontece em qualquer outro lugar, é oriundo dos turistas, do mercado e dos planejadores e promotores territoriais, segundo Knafou (1999). A abertura da rodovia Rio–Santos, a promoção do Projeto Turis e sua utilização como cenário de diversas produções¹³, tanto em cinema como pela televisão aberta, nos anos de 1970, pode ser considerada um marco temporal do início desse processo.

O turismo como atividade que cria e recria objetos e ações no espaço, como argumenta Santos (1985 APUD CAMPOS s/d), e seu desenvolvimento em cidades históricas, como é o caso de Paraty-RJ, promove uma nova organização espacial, uma vez que elas não foram planejadas para o modo de vida contemporâneo. No caso de Paraty, o centro histórico tombado possui ruas estreitas, com restrição à circulação de veículos; as edificações de até dois pavimentos são em sua maioria coladas uma às outras, dividindo espaço, com o comércio, o visitante e o residente. Ele foi e continua sendo o principal atrativo turístico, concentrando a gastronomia (restaurantes, bares e cafés) e as principais manifestações culturais que ocorrem na cidade. É também pelo porto do centro histórico que sai a maioria dos barcos para passeios pelas ilhas e praias paradisíacas.

A proibição de se construir no centro histórico e a transformação de muitas construções até então residenciais em comerciais, levou ao surgimento, nos últimos anos, de diversos loteamentos, entre este e a Rodovia Rio–Santos, para abrigar a população deslocada do centro

¹¹ O Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável é um processo de promoção do desenvolvimento, por meio de parcerias entre Estado e Sociedade, no qual ocorrem ações multissetoriais integradas, convergentes numa dada localidade, segundo uma metodologia que prevê, no mínimo, capacitação para a gestão; diagnóstico e planejamento participativos; articulação da oferta pública de programas com a demanda social da localidade; monitoramento e avaliação; fomento à vocação empreendedora e criação de uma nova institucionalidade participativa, o Fórum de DLIS. Para maiores detalhes ver www.rededlis.org.br

¹² Turistificação de uma cidade implica em destiná-la ao consumo turístico.

¹³ Paraty, desde o início da década de 1970, foi cenário para 26 filmes de longa e 9 de curta metragem, para 21 novelas, minisséries e casos especiais para a televisão, para vários videoclips, inclusive um internacionalmente conhecido, com Mick Jagger. Fonte: Secretária de Turismo e Cultura de Paraty. Disponível em: <http://www.paraty.com.br/cinema.htm>, acessado em 28/08/2006.



histórico (que havia migrado da área rural para a cidade) e os novos habitantes atraídos pelo negócio do turismo e pelo crescimento das chamadas segundas residências ou de veraneio. Movimento semelhante aconteceu em outros bairros do município como: Mamanguá, Laranjeiras, Trindade, Ponta Negra, Sono, tradicionais atrativos turísticos locais.

3.2. O desenvolvimento e seu impacto na cultura

Como analisado no tópico anterior, até o início dos anos de 1970, Paraty esteve num semi-isolamento, que interferiu em seu processo de desenvolvimento, o que permitiu por outro lado que os aspectos de seu patrimônio histórico, natural e cultural se mantivessem preservados, desde então observa-se:

- a) O patrimônio histórico: sujeito a pressões antrópicas, o que pode ser um risco para a preservação, pois é necessário preocupar-se com a descaracterização arquitetônica e com o crescimento urbano desordenado. Nele se incluem além do Centro Histórico, o Caminho do Ouro, os remanescentes da Casa de Registro, o traçado urbano regular, quarteirões alongados e as fortificações de defesa da baía. (PAULA, 2001, P.148)
- b) O patrimônio natural: intimamente vinculado aos fatos históricos, funciona com habitat de diversos grupos étnicos. Com 80% de seu território em áreas de preservação, a região de Paraty é considerada de extrema importância biológica para a conservação da flora, fauna e organismos marinhos. Esse patrimônio de uma rica biodiversidade convive com intermináveis conflitos agrários, e de gestão territorial.
- c) O patrimônio cultural: a comunidade Paratiense é composta por caiçaras, afro-descendentes e indígena, foi preservadas por décadas pelo seu semi-isolamento, segundo Mello (*op.cit*), permitiu que a sua cultura se mantivesse sem grandes alterações muitas de suas lendas e festividades de seu calendário religioso e popular. Das cerimônias religiosas, que acontecem anualmente desde o período colonial, destacando-se a Festa do Divino Espírito Santo, a de Nossa Senhora dos Remédios (padroeira), a Procissão do Encontro que utiliza os Passos da Paixão e a do Fogaréu, entretanto, o crescimento da cidade e a penetração de religiões protestantes mais conservadoras, interferem nessas tradições populares e a vitalidade dessas festas religiosas, que é uma forma importante de articulação das relações da comunidade, de



solidariedade de hierarquias, de pactos, de aliança começam a dar sinais de enfraquecimento.

A tradição musical representada por cirandas, folias do Divino, ladainhas de São João e Santa Cruz, são executadas por violeiros nas praças e ruas da cidade. Também as tecnologias tradicionais empregadas tanto nessas atividades, quanto na confecção dos instrumentos nelas utilizados, foram preservadas na memória dos habitantes. Dentre estas se encontra a engenharia marítima ligada à construção de embarcações, principalmente canoas, a pesca artesanal praticada em cercados e armadilhas (covos) e utensílios; o artesanato utilizado em atividades religiosas, como as pombinhas de madeira que enfeitam as bandeiras de promessa utilizadas na Festa do Divino Espírito Santo. Também na culinária são encontrados, aspectos da cultura caiçara, o prato mais notável é o peixe azul marinho, uma receita na qual o peixe é cozido com banana. A produção de aguardente iniciada no período colonial continua sendo produzida artesanalmente, em alambiques e curtida em tonéis, em fogões de cobre e fornos à lenha e a casa de farinha, se somam à diversidade cultural do local.

Entretanto, a partir do início da década de 1970, essa cultura recebe diversos impactos gerados pelo processo de turistificação que atrai para seu território uma forte especulação imobiliária, que rompe o modo de vida tradicional, principalmente dos caiçaras que são afastados de suas tradicionais vilas de pescadores e vão morar *“num lugar que a gente chama de não-lugar e não-memória. Por que não tem memória? Porque nos mapas de Paraty eles não existem.”* (BARROS 2001, P.109).

Desta forma, pode-se observar que o modelo de desenvolvimento que chegou a Paraty provocou e continua provocando um profundo sentimento de desenraizamento de suas comunidades tradicionais, deixando o “homem” pendurado no vazio, já que segundo Zaoual (op.cit, p.100), *“o homem é um animal territorial. Ele precisa de sentido, de direção, necessidade fundamental do homem situado no tempo e no espaço e no imaginário”*. Tais aspectos puderam ser constatados durante a pesquisa de campo em 2006, apesar do representatividade e do processo participativo via os fóruns Dlis, entre outras iniciativas há uma percepção de não pertencimento, mesmo vivendo neste sítio.



CONSIDERAÇÕES

Buscou-se nesse artigo fazer uma reflexão sobre o modelo de desenvolvimento e seus impactos sobre a cultura e o meio ambiente. A análise do referencial teórico demonstra as profundas transformações sociais e individuais que marcaram as últimas décadas do século XX, donde emerge um indivíduo numa sociedade pós-moderna, bem informada e globalizada, que atinge a cultura, a economia entre outros setores sociais, fazendo que as questões ambientais ganhem gradual destaque, quer pelo crescimento da consciência ecológica quer por medidas impostas pela legislação. Dentre as críticas que surgem, estão os modelos de desenvolvimento adotados em diversas regiões do planeta, que sob o julgo de um modelo único, predatório com relação aos recursos naturais e destruidor da diversidade cultural, têm mostrado debilidade e fracasso no cumprimento, em muitos casos, de seus objetivos econômicos e sociais, por impor às populações formas de progresso e de organização social sem considerar as particularidades territoriais, a diversidade cultural e os valores locais. Tais aspectos foram brevemente explanados ao analisar os impactos do processo de turistificação no município de Paraty.

Assim, não é por acaso que as tendências da economia e do gerenciamento contemporâneo estejam evoluindo de forma consistente, para o compartilhamento do conhecimento e o fortalecimento do capital humano e social. O processo de planejamento participativo ou ferramentas semelhantes como o Fórum Dlis aplicados em Paraty, são demonstrações evidentes de que as comunidades locais possuem uma história, uma memória e um território, e que, o conhecimento que elas têm de seu meio pode e deve ser usado como ponto de partida para buscar soluções de desenvolvimento que incorporem ao mesmo tempo o conhecimento gerado pela modernidade. Esse somatório, pode dar as bases não somente para a sustentabilidade econômica dessas localidades, mas certamente também contemplará os aspectos sociais, culturais e a preservação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio Martins de. **Os caminhos da civilização em Paraty: as trocas de riquezas materiais e imateriais pelos caminhos da mata atlântica.** In *Seminário de Planejamento e Patrimônio Mundial*. Paraty, 2001



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

BECKER, Egon (*et.all*) *Sustainability: a cross-disciplinary concept for social transformations. Policy paper* n^o 6. Unesco 1997. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001134/113463Eo.pdf>. Acesso 15 de ago. 2005.

BRÚSEKE, Franz Josef. **Desestruturação e Desenvolvimento**, In *Incertezas de Sustentabilidade na Globalização*. VIOLA, Eduardo J.. e FERREIRA, Leila da Costa (Orgs.) Campinas–SP: Unicamp, 1996

CASTELLS, Manuel. **O fim do milênio**. 2^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 411-439

FRANCO, Augusto de,. **Por que precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. Revista Século XXI, Brasília. Millennium, 2000. Disponível em www.rededlis.org.br/textosdownloads. Acesso em: 05 out.2006.

GALBRAITH John Kenneth. **Era da incerteza**. São Paulo: Pioneira 1979 – Introdução

GOMES, Laura Jane. **Conflitos entre a conservação e o uso da terra em comunidades rurais no entorno do parque nacional da serra da Bocaina: uma análise interpretativa**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) Universidade de Campinas. Campinas – SP. 2002

LEIS, Ricardo Héctor. **A Modernidade insustentável. As críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Montevideo: Coscoroba. 2004

LIMA, Gustavo F. Costa. **O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável**. Política e Trabalho n. 13 – setembro;1997 – pp.201-222.

KNAFOU, Remy. (1996): **Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo**. In: Ayr A. B. Rodrigues (org.). *Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MELLO, Diuner José. **Paraty - Notas Históricas**. Paraty-RJ: Instituto Histórico e Artístico de Paraty. 1994

_____. **Paraty para estudantes**. Paraty-RJ: Instituto Histórico e Artístico de Paraty. 2006

MORIN, Edgar. **Por uma globalização plural**. São Paulo, Folha de S.Paulo FolhaMundo 31/03/2002. Disponível em www.centrorefeducacional.pro.br/moriglob.htm - Acesso em: 28/10/2004

PADUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e Crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Resenha Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

PAULA, Lorivaldo de. Paraty: **A importância de se preservar em um mundo em transformação**. In *Seminário de Planejamento e Patrimônio Mundial*. Paraty, 2001

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Sociedade, Cultura e Meio Ambiente**. São Paulo, Mundo & Vida vol.2 (1) 2000.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SOLVING CONSULTORIA EM TURISMO. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. Inventário Turístico – Volume I – **Aspectos Gerais**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> . Acesso em: 05/01/2006

_____. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. Inventário Turístico – Volume II – **Demanda**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> Acesso em: 05/01/2006

_____. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. Inventário Turístico – Volume III – **Anexos**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> Acesso em: 05/01/2006

_____. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. Inventário Turístico – **Projetos**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> Acesso em: 05/01/2006.

_____. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. –**Planejamento Estratégico**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> Acesso em: 05/01/2006.

_____. Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty. - **Mapa de Zoneamento, Potencialidades e Segmentação Turística do Município de Paraty**. 2003. Disponível em: <http://t4.tur.br/empresa/pddtparaty.htm> Acesso em: 05/01/2006.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretária do Planejamento. **Estudo Sócio Econômico Paraty. 2005**. Disponível em: <http://www.tce.rj.gov.br/sitenovo/develop/estupesq/gc04/2005/carmo.pdf>. Acesso em: 07 fev.2006

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. São Paulo: Artenova, 1972 p. 39-58

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2003